

Aspectos interculturais e interlinguísticos no ensino do Português Língua Não-Materna em comunidades indígenas do Brasil

Rosane de Sá AMADO¹

1. O desafio de se ensinar português como segunda língua em um país multilíngue e multicultural

A partir do século XVI, diante da invasão de suas terras, do extermínio de parentes e do menosprezo à sua cultura, as populações autóctones brasileiras tiveram que “aprender às pressas o que é finalmente ‘ser índio’”, como bem afirma Brandão (1986² apud Maher, 1998). E por pertencerem a etnias muito diferentes, com línguas atualmente agrupadas em três troncos linguísticos distintos (Tupi, Macro-jê, Aruak) e muitas outras consideradas como isoladas, esses povos sentiram a necessidade urgente de aprender a língua do “invasor” não só para a comunicação com o próprio, mas também com os outros povos indígenas.

O português passou a ser, assim, a língua “emprestada”, inclusive para muitas comunidades indígenas que acabaram por perder sua língua nativa no contato que foi, muitas vezes, devastador também do ponto de vista cultural com o não-índio.

Atualmente, falando cerca de 200 línguas diferentes em território brasileiro, os povos indígenas, assim como as minorias de imigrantes, fazem do Brasil um país multilíngue e multicultural. Segundo Ferraz

Os trabalhos recentemente desenvolvidos sobre a história das idéias linguísticas no Brasil mostram que o nosso país representa, indubitavelmente, um dos campos mais vastos e praticamente inexplorados para o estudo de minorias linguísticas como de línguas em contato. São línguas distintas coexistindo em uma mesma comunidade nacional, estando o português, língua majoritária, a conviver não só com as línguas indígenas, mas também com as línguas dos imigrantes que aqui se fixaram: o polonês, o alemão, o

¹ Docente do Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. ro.amado@gmail.com

² Brandão, C.R. *Identidade e etnia – construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

AMADO, R.S. Aspectos interculturais e interlinguísticos no ensino do Português Língua Não-Materna em comunidades indígenas do Brasil. In: TEIXEIRA, M.; SILVA, I; SANTOS, L. (Orgs.) *Novos Desafios no Ensino do Português*. Santarém, Portugal: Instituto Politécnico, 2011. p. 68-75. Disponível em: <<http://www.calameo.com/read/0011572884243fe54043b>>.

ucraniano, o italiano, o japonês, o coreano, o chinês etc. (2007, p. 47)

A *Constituição* brasileira de 1988 e a *Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional* de 1996 garantem um ensino específico e diferenciado, intercultural e bilíngue para os povos indígenas. As *Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena*, de 1993, asseguram que “cada povo tem o direito de aprender na escola o português como segunda língua, em suas modalidades oral e escrita, em seus vários registros – formal, coloquial, etc.” (p. 177). Contudo, falta ainda preencher uma grande lacuna quanto à política de ensino de português como segunda língua. Há casos bastante peculiares dentre os povos indígenas: alguns são monolíngues – tendo a língua indígena como língua materna -, outros são bilíngues – tendo aprendido o português regional informalmente – e outros ainda são monolíngues - tendo o português como língua materna. Mesmo entre os que são bilíngues, cada povo tem um conhecimento diferenciado do português e o utiliza em contextos específicos, em alguns casos até como língua veicular na comunicação entre povos com línguas bastante distantes, como os de língua Tupi e os de língua Jê. Esse fato cria particularidades também no ensino de português segunda língua ou língua não-materna. Mas, corroborando Abram dos Santos

O que não se pode confundir ou esquecer é o fato de que o português como segunda língua não pode ser ensinado como língua materna, mesmo para aquelas populações com maior tempo de contato e, portanto, com maior domínio da língua nacional. A língua portuguesa é o veículo da cultura dominante e letrada, enquanto a língua indígena é a língua minoritária e ágrafa, características que precisam ser levadas em conta na preparação dos currículos e das aulas. (2005, p. 154)

Muitos dos professores não-índios enviados às aldeias para ensinar o português não estão preparados para o contato com um falante de outra língua materna e com uma cultura rica, porém muito diferente da sua. Dessa forma, ensinam o idioma como se fosse a primeira língua, com materiais e programas voltados ao ensino de gramática normativa. Além disso, muitos professores desconhecem que as culturas indígenas são culturas orais, ou seja, não têm tradição escrita, o que dificulta e muito o aprendizado da modalidade escrita do português padrão.

AMADO, R.S. Aspectos interculturais e interlinguísticos no ensino do Português Língua Não-Materna em comunidades indígenas do Brasil. In: TEIXEIRA, M.; SILVA, I; SANTOS, L. (Orgs.) *Novos Desafios no Ensino do Português*. Santarém, Portugal: Instituto Politécnico, 2011. p. 68-75. Disponível em: <<http://www.calameo.com/read/0011572884243fe54043b>>.

O que proponho, neste artigo, é apresentar aspectos interculturais e interlinguísticos presentes no português aprendido por falantes indígenas, baseando-me em minha experiência pessoal com a pesquisa e o ensino de português entre os povos timbira, que passo a relatar a seguir.

3. A experiência de ensino de PLNM entre os timbira

Os timbira são povos indígenas que ocupavam tradicionalmente uma grande extensão de terra, situada nos cerrados do norte de Goiás até o sul do Maranhão. Atualmente seus territórios são descontínuos e estão cercados ou invadidos principalmente por fazendas de gado, numa região de muitos conflitos pela posse da terra. A nação timbira é hoje composta por aproximadamente 5000 índios, formada pelos seguintes povos: no Tocantins vivem os krahô e os apinajé, no Pará, vivem os parkatejê, e no Maranhão, vivem os krinkati, os pykobjê, os krenjê, os ramkokamekrá e os apãniekrá.

Desde que foram contatados, no século XIX, os timbira têm consciência da necessidade do domínio do português oral para sobreviverem no mundo dos *cupen* (os não-índios). Contudo, todos os povos – com exceção dos krenjê e dos parkatejê que recentemente têm buscado um contato maior com seus parentes timbira para reavivar a sua língua esquecida – mantêm viva sua língua materna e só se comunicam entre si por meio dela.

Em minha experiência pessoal com os pykobjê (Amado, 2004, Sá, 1999) e com os timbira (Amado, 2005), tenho visto o desejo crescente, principalmente nos mais jovens, em aprender a língua dos *cupen*. Até pouco tempo atrás, esses povos não tinham acesso à escola laica e dependiam da educação vinda por parte de missionários estrangeiros instalados em suas aldeias que priorizavam o ensino na língua indígena. Em relato registrado na tese de Siqueira Jr. (2007), um desses índios, Jonas Polino Panheh Gavião, narra sua experiência de educação entre os missionários:

Então em 1972 eu tinha 7 anos de idade, eu não usava roupa, eu andava pelado, aí tinha escola nas aldeias que os missionários ensinavam na língua, a primeira roupa que ganhei foi deles, eles me deram a roupa para eu poder ir para a escola. [...] Aí eu

AMADO, R.S. Aspectos interculturais e interlinguísticos no ensino do Português Língua Não-Materna em comunidades indígenas do Brasil. In: TEIXEIRA, M.; SILVA, I; SANTOS, L. (Orgs.) *Novos Desafios no Ensino do Português*. Santarém, Portugal: Instituto Politécnico, 2011. p. 68-75. Disponível em: <<http://www.calameo.com/read/0011572884243fe54043b>>.

fiquei, eu fui para a escola, comecei estudar, a gente tem uma quantidade certa assim de livros que eles tem, diz que quando você termina tudo isso você aprendeu ler e escrever. [...] Fui chamado para estudar e nós não tinha o direito de estudar na língua portuguesa, nós só tinha direito de estudar na língua indígena. (p. 284)

Ainda assim, praticamente todos os homens falam o português. As mulheres, em sua maioria, entendem o português e são capazes de articular pequenas frases. Hoje em dia, o português é aprendido nas escolas situadas nas aldeias quando as crianças nelas ingressam na idade entre 7 e 8 anos. Seu ouvido, contudo, está predisposto à percepção dos sons do português, em vista do contato frequente com os *cupen*, em visitas dos regionais às aldeias, pela exposição ao rádio e pela presença de funcionários da Funai nas aldeias.

Entre os timbira, a fluência do português falado varia de aldeia a aldeia, dependendo da proximidade com as cidades, da presença de missionários estrangeiros nas aldeias e de moradores *cupen* em seus territórios, além da necessidade de interlocução com organismos governamentais.

A aprendizagem formal do português sempre esteve atrelada à necessidade da aquisição da escrita, uma vez que essa modalidade continua sendo, entre os timbira, desnecessária à comunicação em sua língua materna. Os povos indígenas em geral, e os timbira em particular, são povos tradicionalmente orais, cujo modo básico de expressão é a palavra falada. A memória é um canal de armazenamento de experiências vividas e transmitidas via oralidade. Mesmo a leitura é feita em voz alta e uma das exigências para se tornar líder da comunidade é a fluência oral. Os timbira se adaptaram muito bem às novas tecnologias orais: usam muito o telefone, o rádio, gravadores e sistemas de vídeo.

A aquisição da modalidade escrita do português é vista como um ganho de instrumentalização à intercomunicação com os *cupen*. A conscientização política de seus direitos e o progresso na vida (conseguir emprego na cidade ou na Funai) são os principais benefícios apontados. Além desses, a preservação da tradição por meio da publicação de suas narrativas (argumento muitas vezes imposto pelos não-índios) é uma possibilidade que atrai alguns, mas o que na prática realmente prevalece é a capacidade de escreverem pequenos bilhetes e fazerem contas.

AMADO, R.S. Aspectos interculturais e interlinguísticos no ensino do Português Língua Não-Materna em comunidades indígenas do Brasil. In: TEIXEIRA, M.; SILVA, I; SANTOS, L. (Orgs.) *Novos Desafios no Ensino do Português*. Santarém, Portugal: Instituto Politécnico, 2011. p. 68-75. Disponível em: <<http://www.calameo.com/read/0011572884243fe54043b>>.

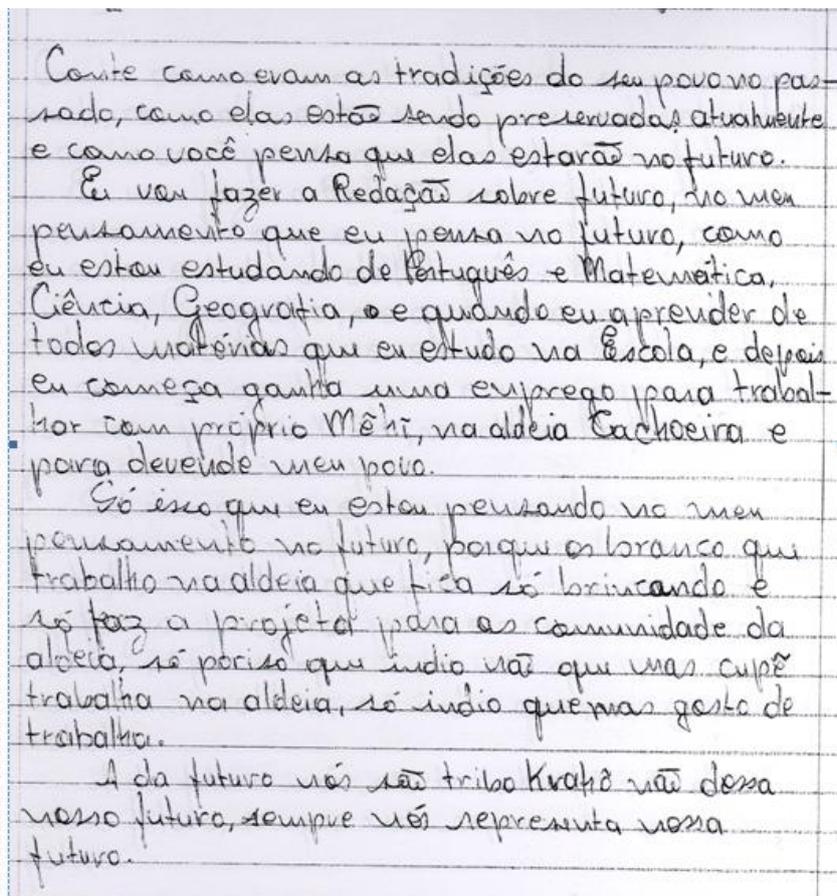
Contudo, a situação da imensa maioria dos que saem dos bancos escolares é a de analfabetos funcionais. Situação que, infelizmente, também reflete a educação fundamental de boa parte do Brasil, entre os não-índios.

O português aprendido na escola é, via de regra, o padrão escrito, variedade muito distante daquela que eles têm contato através dos regionais ou pela televisão. O fato de não utilizarem a escrita em sua língua materna (ainda que em muitos casos sejam alfabetizados inicialmente nela) faz com que enxerguem o português como duas línguas distintas – a da comunicação usual com os *cupen* e aquela que lhes permite compreender um texto escrito, mas não produzir um com a competência de um nativo.

4. Aspectos interculturais e interlinguísticos no ensino de PLNM entre os timbira

Para ilustrar essas questões, veremos a seguir três exemplos de textos produzidos por alunos timbira em um curso de português que ministrei durante o X Módulo da Escola Timbira. A Escola Timbira é um projeto de educação organizado pelas Secretarias de Estado da Educação do Maranhão e do Tocantins em parceria com a Funai e o Centro de Trabalho Indigenista, organização não-governamental que tem assessorado os timbira há mais de 30 anos. O objetivo é formar no Ensino Fundamental jovens, com idade entre 15 e 30 anos, que não tiveram acesso à educação em suas aldeias. No referido curso, com duração de 20 horas, ao final de cada aula, após ter repassado com os alunos (42 ao todo) pontos gramaticais como concordância nominal, ortografia, flexão verbal entre outros e ter trabalhado com leitura e interpretação de textos, solicitava-lhes que produzissem redações do tipo narrativo, descritivo e argumentativo. As dificuldades em se expressarem em português escrito foram patentes.

AMADO, R.S. Aspectos interculturais e interlinguísticos no ensino do Português Língua Não-Materna em comunidades indígenas do Brasil. In: TEIXEIRA, M.; SILVA, I; SANTOS, L. (Orgs.) *Novos Desafios no Ensino do Português*. Santarém, Portugal: Instituto Politécnico, 2011. p. 68-75. Disponível em: <<http://www.calameo.com/read/0011572884243fe54043b>>.



Conte como eram as tradições do seu povo no passado, como elas estão sendo preservadas atualmente e como você pensa que elas estarão no futuro.

Eu vou fazer a Redação sobre futuro, no meu pensamento que eu penso no futuro, como eu estou estudando de Português e Matemática, Ciência, Geografia, e quando eu aprender de todas matérias que eu estudo na Escola, e depois eu começa ganhar uma emprego para trabalhar com próprio Mehi, na aldeia Cachoeira e para devende meu povo.

Só isso que eu estou pensando no meu pensamento no futuro, porque os branco que trabalha na aldeia que fica só brincando e só faz a projeta para as comunidade da aldeia, só poriso que índio não que mas cupe trabalha na aldeia, só índio que mas gosta de trabalhar.

A do futuro nós são tribo Krahô não dessa nosso futuro, sempre nós representa nossa futuro.

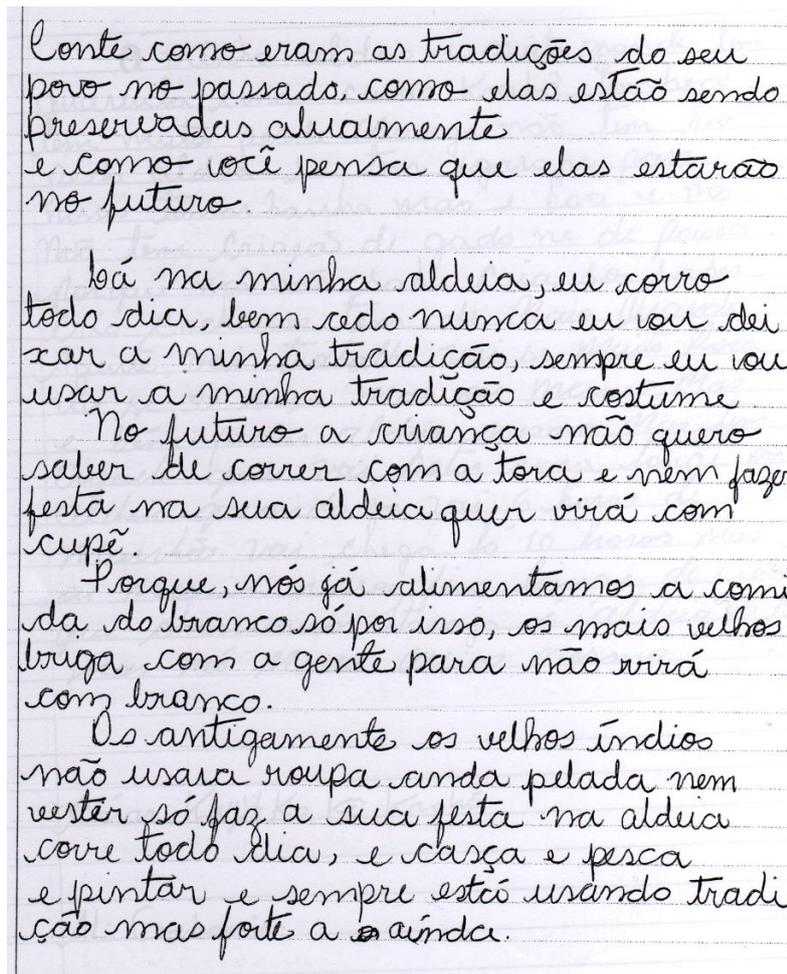
Transcrição:

Conte como eram as tradições do seu povo no passado, como elas estão sendo preservadas atualmente e como você pensa que elas estarão no futuro.

Eu vou fazer a Redação sobre futuro, no meu pensamento o que eu penso no futuro, como eu estou estudando de Português e Matemática, Ciência, Geografia, e quando eu aprender de todas matérias que eu estudo na Escola, e depois eu começa ganhar uma emprego para trabalhar com próprio Mehi, na aldeia Cachoeira e para devende meu povo.

Só isso que eu estou pensando no meu pensamento no futuro, porque os branco que trabalha na aldeia que fica só brincando e só faz a projeta para as comunidade da aldeia, só poriso que índio não que mas cupe trabalha na aldeia, só índio que mas gosta de trabalhar.

A do futuro nós são tribo Krahô não dessa nosso futuro, sempre nós representa nossa futuro.



Conte como eram as tradições do seu povo no passado, como elas estão sendo preservadas atualmente e como você pensa que elas estarão no futuro.

Lá na minha aldeia, eu corro todo dia, bem cedo nunca eu vou deixar a minha tradição, sempre eu vou usar a minha tradição e costume.

No futuro a criança não quero saber de correr com a tora e nem fazer festa na sua aldeia quer virá com cupê.

Porque, nós já alimentamos a comida do branco só por isso, os mais velhos briga com a gente para não virá com branco.

Os antigamente os velhos índios não usava roupa anda pelada nem vestir só faz a sua festa na aldeia corre todo dia, e casca e pesca e pintar e sempre estão usando tradição mas forte a ainda.

Transcrição:

Conte como eram as tradições do seu povo no passado, como elas estão sendo preservadas atualmente e como você pensa que elas estarão no futuro.

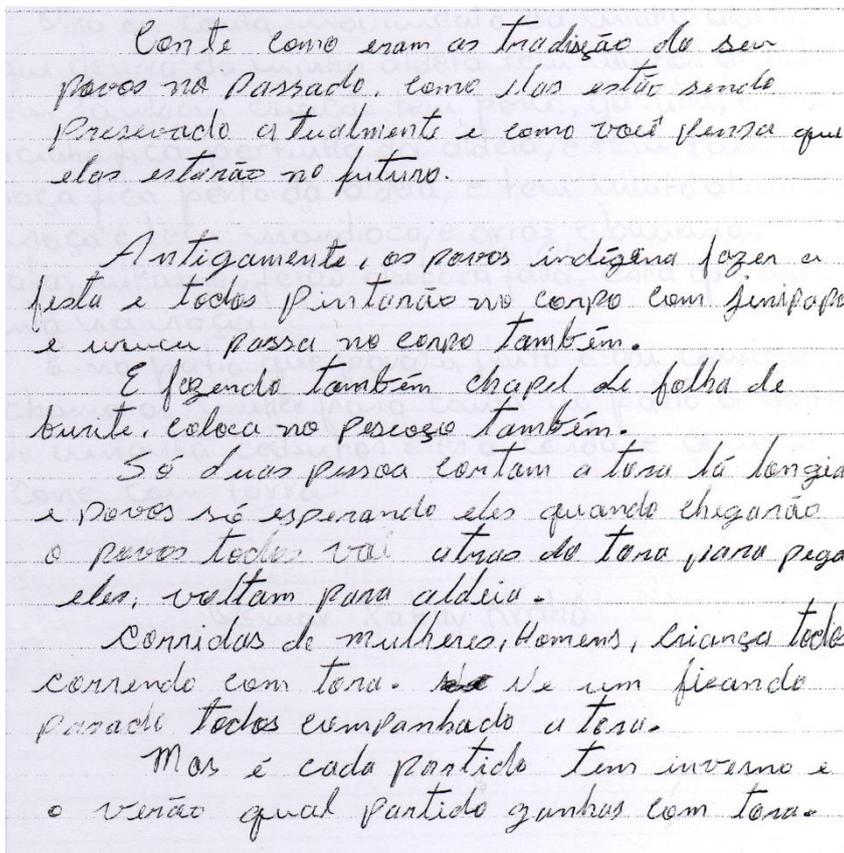
Lá na minha aldeia, eu corro todo dia, bem cedo nunca eu vou deixar a minha tradição, sempre eu vou usar a minha tradição e costume.

No futuro a criança não quero saber de correr com a tora e nem fazer festa na sua aldeia quer virá com cupê.

Porque, nós já alimentamos a comida do branco só por isso, os mais velhos briga com a gente para não virá com branco.

Os antigamente os velhos índios não usava roupa anda pelada nem vestir só faz a sua festa na aldeia corre todo dia, e casca e pesca e pintar sempre estão usando tradição mas forte a ainda.

AMADO, R.S. Aspectos interculturais e interlinguísticos no ensino do Português Língua Não-Materna em comunidades indígenas do Brasil. In: TEIXEIRA, M.; SILVA, I; SANTOS, L. (Orgs.) *Novos Desafios no Ensino do Português*. Santarém, Portugal: Instituto Politécnico, 2011. p. 68-75. Disponível em: <<http://www.calameo.com/read/0011572884243fe54043b>>.



Transcrição:

Conte como eram as tradição do seu povos no passado, como elas estão sendo preservado atualmente e como você pensa que elas estarão no futuro.

Antigamente, os povos indígenas fazer a festa e todos pintarão no corpo com jenipapo e urucu passa no corpo também.

E fazendo também chapel de folha de buriti, coloca no pescoço também.

Só duas pessoa cortam a tora lá longia e povos só esperando eles quando chegarão o povos todos vai atrás de tora para pegar eles, voltam para aldeia.

Corridas de mulheres, homens, criança todos correndo com tora. Ne um ficando parado todos acompanhado a tora.

Mas é cada partido tem inverno e o verão qual partido ganhar com tora.

Os três textos representam significativamente a situação da aquisição do português escrito entre os timbira. Embora a proposta fosse uma reflexão sobre a preservação da cultura pelo seu povo, no primeiro texto, o aluno se sentiu motivado a escrever sobre a importância da educação na sua vida. No segundo texto, o aluno procurou seguir exatamente a proposta, separando por parágrafos cada tempo verbal

AMADO, R.S. Aspectos interculturais e interlinguísticos no ensino do Português Língua Não-Materna em comunidades indígenas do Brasil. In: TEIXEIRA, M.; SILVA, I; SANTOS, L. (Orgs.) *Novos Desafios no Ensino do Português*. Santarém, Portugal: Instituto Politécnico, 2011. p. 68-75. Disponível em: <<http://www.calameo.com/read/0011572884243fe54043b>>.

solicitado, ainda que tenha apresentado vários problemas de flexão que veremos adiante. Já no terceiro texto, o aluno foca seu tema no tempo passado, mas, devido às peculiaridades dos tempos verbais da língua timbira que veremos adiante, a compreensão do português fica bastante prejudicada.

As marcas de oralidade³, traço peculiar da cultura indígena, estão nitidamente presentes já no início do primeiro texto. Segundo Urbano, analisando a conversação em português, os marcadores verbais “são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal.” (1999, p. 86)

a. Uso de marcador verbal para iniciar o tópico

“Eu vou fazer a Redação sobre futuro, no meu pensamento o que eu penso no futuro...”

Na fala timbira, os marcadores de início são tradicionalmente “*Yhy, pea, cute hajyr*” (Sim, então foi assim...), – presente nas narrativas formais míticas – e “*Yhy, mejkampa*” (Sim, me escutem...) – presente no discurso formal. Nos textos escritos em português, Ladeira, em seu artigo que analisa a escrita de bilhetes e diários produzidos por professores timbira, afirma que “de modo geral, os marcadores de abertura em todos os diários compreendem uma variação restrita que vai do ‘Hoje é, Olha, Eu, Pela parte de hoje’ a ‘Caros colegas, Amigo, Prezado Amigo’.” (2001, p. 327).

Assim, o uso da frase acima marca formalmente o início de um tema que vai ser enunciado pelo aluno.

b. Uso de marcador verbal para finalizar o tópico

“Só isso que eu estou pensando no meu pensamento no futuro”

³ Outras marcas de oralidade do discurso timbira são analisadas em Amado (2009).

AMADO, R.S. Aspectos interculturais e interlinguísticos no ensino do Português Língua Não-Materna em comunidades indígenas do Brasil. In: TEIXEIRA, M.; SILVA, I; SANTOS, L. (Orgs.) *Novos Desafios no Ensino do Português*. Santarém, Portugal: Instituto Politécnico, 2011. p. 68-75. Disponível em: <<http://www.calameo.com/read/0011572884243fe54043b>>.

Na fala timbira, Ladeira assinala que qualquer modalidade discursiva é encerrada com ‘*Pea hamre*’ (pronto, acabou). Quanto aos textos analisados pela autora, afirma que “no caso dos marcadores de final de texto, as variáveis vão do ‘*Só isso, Nada mais, Pronto, Somente isso*’ ao ‘*Assina, o nome*’. [...] O importante é que o final do discurso seja identificado por uma marca.” (2001, p. 327).

Embora a frase acima não tenha sido utilizada no final do texto, ela já determina que o texto está terminando, sinalizando formalmente o encerramento do tópico.

c. Uso da paráfrase ou da circularidade

“Corridas de mulheres, homens, criança todos correndo com tora. Ne um ficando parado todos acompanhado a tora.”

Outro recurso bastante utilizado na língua falada é a paráfrase. A paráfrase exerce inúmeras funções, como a de contribuir para a coesão do texto, enquanto articuladora de informações novas e antigas, tendo como função principal garantir a intercompreensão, usando um enunciado que reformula um anterior, com o qual mantém uma relação de equivalência semântica (cf. Fávero, Andrade e Aquino, 1999). No discurso indígena, é recorrente o uso de um tipo especial de paráfrase, associado a uma circularidade dentro de um mesmo parágrafo. É o que vemos na frase acima, extraída do terceiro texto, em que o autor repete a informação de que todos – mulheres, homens e crianças – correm com a tora, acompanham a corrida de tora.

Vejamos agora aspectos relacionados especificamente à língua timbira que emergem nos textos escritos em português.

Além de problemas de flexão nominal de gênero e número - *todos matérias, os branco, a projeta, as comunidade, nossa futuro, velhos índios...pelada, as tradição, seu povos, duas pessoa, o povos* – comuns em aprendentes de português língua segunda e erros de ortografia - *devende, poriso, dessa, virá, casça, chapel, longia, ne um, acompanhado* – comuns também em falantes nativos, o que chama mais a atenção nesses textos é o uso da flexão verbal, mais notadamente do tempo, já que o tema propiciava

AMADO, R.S. Aspectos interculturais e interlinguísticos no ensino do Português Língua Não-Materna em comunidades indígenas do Brasil. In: TEIXEIRA, M.; SILVA, I; SANTOS, L. (Orgs.) *Novos Desafios no Ensino do Português*. Santarém, Portugal: Instituto Politécnico, 2011. p. 68-75. Disponível em: <<http://www.calameo.com/read/0011572884243fe54043b>>.

que os alunos escrevessem utilizando os três tempos verbais – passado, presente e futuro – tópico, inclusive, que havia sido discutido em aula no dia em que foi solicitada a redação.

Para tanto, contudo, é preciso lançar um breve panorama sobre a questão dos tempos verbais em timbira. Minha experiência nesse campo versa especificamente sobre uma das variantes timbira, o pykobjê, objeto de estudo de meu doutorado (Amado, 2004). As categorias gramaticais que veremos, contudo, são encontradas em outros trabalhos sobre variantes timbira, tais como o parkatejê (Ferreira, 2005) e o apãniekrá (Alves, 2004).

O tempo, o modo e o aspecto nos verbos do pykobjê se apresentam mais em função de partículas do que de flexão. Existem dois tempos marcados: o passado e o não-passado. O futuro difere do presente pela presença de uma partícula modalizadora – *ha* – e o presente habitual se distingue do aspecto progressivo por meio da partícula *apu*. O passado apresenta uma outra distinção: o passado recente do passado distante, marcado pela presença de uma partícula – *pe*. Seguem exemplos de orações abaixo:

- (1) e'no'na homre - te a'je kor 'ontem o homem comeu carne'
ontem homem ERG⁴ carne comer
- (2) pe homre a'je ko 'o homem comeu/comia carne (há muito tempo)'
PD⁵ homem carne comer
- (3) awka'te homre ha a'je ko 'amanhã o homem vai comer carne'
amanhã homem FUT⁶ carne comer
- (4) homre apu a'je ko 'o homem está comendo carne'
homem PROG⁷ carne comer
- (5) homre a'je ko 'o homem come carne'
homem carne comer

Desses fatos gramaticais, é possível considerar os erros da flexão verbal temporal nos textos como decorrentes de problemas interlinguísticos. O segundo e o terceiro textos, cujos autores tentam seguir o tema proposto – dissertar/descrever sobre

⁴ ERG – ergativo.

⁵ PD – passado distante

⁶ FUT – futuro

⁷ PROG – progressivo

AMADO, R.S. Aspectos interculturais e interlinguísticos no ensino do Português Língua Não-Materna em comunidades indígenas do Brasil. In: TEIXEIRA, M.; SILVA, I; SANTOS, L. (Orgs.) *Novos Desafios no Ensino do Português*. Santarém, Portugal: Instituto Politécnico, 2011. p. 68-75. Disponível em: <<http://www.calameo.com/read/0011572884243fe54043b>>.

as tradições no presente, passado e futuro – apresentam os maiores problemas quando os autores escrevem sobre o passado. No segundo texto, isso acontece no último parágrafo, iniciado por “*Os antigamente os velhos índios não usava roupa [...]*” em que o autor utiliza corretamente o verbo flexionado no tempo pretérito aspecto imperfeito, mas em seguida utiliza todos os outros verbos no tempo presente habitual (ou por erro ortográfico, provavelmente, no infinitivo). O terceiro texto é mais peculiar, pois o autor já inicia no passado – “*Antigamente, os povos indígenas fazer a festa [...]*” – e parece descrever todas as tradições de festas e corridas de toras no passado, usando erroneamente verbos no presente e – provavelmente também por erro ortográfico – no infinitivo e no futuro do presente. Nos dois casos, a marca do passado está presente não nos verbos, mas sim no advérbio temporal – *antigamente* – que representaria a partícula *pe*, marca do passado distante em pykobjê. Não há, portanto, domínio do uso da flexão verbal de tempo/aspecto do português porque sua língua materna foca essas categorias verbais em partículas – associadas aos advérbios do português – não na flexão.

4. Considerações finais

Procurei, nesse breve relato, lançar alguns pontos para reflexão e discussão sobre aspectos interculturais – cultura oral x cultura letrada – e interlinguísticos – partículas modo/tempo/aspecto x flexão verbal – que precisam ser considerados no ensino/aprendizagem do português como língua segunda entre povos indígenas.

O português não pode, de forma alguma, ser ensinado como língua materna a povos com línguas e culturas tão diferentes entre si. É extremamente necessário que a sociedade e o governo brasileiros se conscientizem da necessidade de se formarem professores especializados em português como segunda língua para atuarem junto às comunidades indígenas que quiserem ter o ensino bilíngue em suas aldeias. E que o processo de ensino/aprendizagem de uma língua segunda possa ajudar o aprendente, no caso o aluno indígena, além de adquirir uma segunda língua

[...] a construir a sua identidade cultural e linguística através da integração nessa construção da experiência diversificada do outro; e a desenvolver a sua capacidade para aprender, através desta mesma experiência diversificada de relacionamento com várias línguas e

AMADO, R.S. Aspectos interculturais e interlinguísticos no ensino do Português Língua Não-Materna em comunidades indígenas do Brasil. In: TEIXEIRA, M.; SILVA, I; SANTOS, L. (Orgs.) *Novos Desafios no Ensino do Português*. Santarém, Portugal: Instituto Politécnico, 2011. p. 68-75. Disponível em: <<http://www.calameo.com/read/0011572884243fe54043b>>.

culturas. (Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, 2001, p.190)

5. Referências bibliográficas

ABRAM DOS SANTOS, L. Considerações sobre o ensino de Português como segunda língua a partir da experiência com professores Wajãpi. *Cadernos de Educação Escolar Indígena*, Cuiabá, v. 4, p. 149-164, 2005.

ALVES, F.C. *O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

AMADO, R.S. Marcas da oralidade timbira na produção de textos escritos em português. In: BRAGGIO, S.L.B.; SOUSA FILHO, S.M. (Orgs.) *Línguas e Culturas Macro-jê*. Goiânia: Ed. Vieira, 2009. p. 25-41.

_____. A grafia uniformizada: uma conquista dos povos Timbira. *Linha D'Água*, São Paulo, v.17, p.65-75, 2005.

_____. *Aspectos morfofonológicos do Gavião Pykobjê*. 2004. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, 1988.

CONSELHO DA EUROPA. *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: aprendizagem, ensino, avaliação*. Tradução de Maria Joana Pimentel do Rosário e Nuno Verdial Soares. Porto: Edições Asa, 2001.

FÁVERO, L.L.; ANDRADE, M.L.C.V.O.; AQUINO, Z.G. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.

FERRAZ, A.P. O panorama linguístico brasileiro: a coexistência de línguas minoritárias com o português. *Filologia Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 9, p. 43-73, 2007.

FERREIRA, M.N.O. Aspectos da variante étnica falada pelos Parkatêjê. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 21.1, n. 1, p. 1-21, 2005.

LADEIRA, M.E. De bilhetes e diários: oralidade e escrita entre os Timbira. In: SILVA,

AMADO, R.S. Aspectos interculturais e interlinguísticos no ensino do Português Língua Não-Materna em comunidades indígenas do Brasil. In: TEIXEIRA, M.; SILVA, I; SANTOS, L. (Orgs.) *Novos Desafios no Ensino do Português*. Santarém, Portugal: Instituto Politécnico, 2011. p. 68-75. Disponível em: <<http://www.calameo.com/read/0011572884243fe54043b>>.

A.L.; FERREIRA, M.K.L (orgs.) *Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola*. 2ª. ed. São Paulo: Ed. Global/Mari/Fapesp, 2001, p. 303-30.

MAHER, T.M. Sendo índio em português... In: SIGNORINI, I. (org.) *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras/Fapesp, 1998, p.115-38.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: MEC/SEF, 1996.

_____. *Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena*. Brasília: MEC/SEF, 1993.

SÁ, R.M. *Análise fonológica preliminar do Pykobyê*. 1999. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

SIQUEIRA Jr., J.G. *Wyty-Catë: cultura e política de um movimento pan-Timbira – Contribuição ao entendimento das organizações indígenas e novas expressões da política indígena*. 2007. Tese (Doutoramento em Antropologia Social)-Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2007.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. Projetos Paralelos – NURC/SP, vol. 1. 4ª ed. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 81-101.